

Lula

Esforço para provar que a questão social não é apenas caso de retórica no Brasil

Zuenir Ventura

O PT termina a sua campanha tremendo. De entusiasmo, mas também de medo. Conhecido nas últimas semanas de que Lula vai para o segundo turno e, indo, ganha de Collor, o comando do partido já sonha em governar. É um discurso ambíguo, cheio de certezas e indecisões, próprio de quem acha que o sonho vai se realizar e, justamente por isso, morre de pânico. É possível que no fundo, no fundo, o PT queira ganhar a campanha, mas não o governo, se isso fosse possível.

“É, periga ganhar”, costuma brincar sua bem humorada assessoria, depois de um grande comício — o que, na última semana, repetiu-se de Belém ao Rio de Janeiro, passando por Fortaleza, Recife, João Pessoa, Aracaju, Salvador...

Quando se pergunta ao seu presidente, deputado Luis Gushiken, se não seria melhor esperar mais cinco anos, acumulando forças e estruturando o partido, ele parece não rejeitar a idéia, mas reage logo:

- Você já viu alguém programar a vonta-
de do povo? Você sabe o que aconte-
cece quando alguém tenta adiar a vonta-
de da massa?

Ele quer sugerir que há um determinismo histórico disposto a fazer, urgente, de Lula presidente. O candidato da Frente Brasil Popular ele mesmo não admite pensar na hipótese de não ganhar, ou melhor, p... sa mas não diz. Só mesmo de madrugada, depois de uma jornada de 16 horas de comícios e andanças, jogado num restaurante de hotel como um bagaço à espera de um prato de comida, naquele estado em que as resistências estão minadas e qualquer insistência acaba vencendo — em que se é capaz de dizer qualquer coisa só para se livrar de um chato — Lula discute a hipótese, como em Fortaleza:

— Tudo bem, Lula, digamos que você
vai ganhar. Mas só como hipótese: e se
não ganhar?

Ele repete aquele gesto muito comum quando está impaciente ou nervoso: lava as mãos sem água. Esfrega com a direita os quatro dedos fechados da esquerda e repete o mesmo gesto ao contrário; e faz de novo e faz de novo, até dar vontade de mandar parar. Como, por delicadeza, não quer reclamar da pergunta, reclama do garçom a demora do atendimento, daquele ritmo nordestino que faz o cliente esperar duas horas para comer o prato mais previsível de lá, um camarão de qualquer jeito.

Se eu não ganhasse agora, ganharia daqui a cinco anos. Presta atenção: no máximo em cinco anos o PT está no poder. Mitterand esperou mais de 30 anos, eu não vou precisar esperar cinco.

Informa também que, “se não ganhasse”, não iria se candidatar a nada: iria estudar, viajar, correr o Brasil. Ricardo Kotscho já havia cometido a indiscrição de revelar que a vontade de Lula, se não for eleito, era ser diretor de relações internacionais do PT. Depois de percorrer nessa campanha 11 países da América Latina, Europa e Estados Unidos, ele gostaria de mandar uma expedição de uns 20 quadros do PT para o exterior. “Essa viagem que fizemos foi da maior importância para a cabeça de Lula”, diz Kotscho.

O PT está tremendo com a perspectiva de chegar ao poder, como de resto devem estar todos os que acalentam o mesmo sonho. A partir de março, esse país será certamente um insuportável cobrador, daqueles que chegam na porta às 6 da manhã e ficam de plantão. Ele vai querer tudo a que não tem direito — até porque, o que lhe é de direito, ele vai tentar arrancar, não vai cobrar.

Mas há gente tremendo mais do que o PT. Há os temores e tremores legítimos e há os medos fóbicos. Há quem, como o cientista social Luis Werneck Viana, lúcido analista do movimento operário no Brasil, tema, até pensando na esquerda, o processo de radicalização das posições do PT. Há os que, assustados com experiências recentes, tenham pesadelos de um país paralisado por greves e reivindicações corporativas, de prateleiras vazias, de postos sem gasolina. E há os que, como Mário Amato, o presidente da Fiesp, finjam

ÁLBUM DE CAMPANHA

Mauro Mattos — 24/8/89



No Rio Grande do Sul, Lula aproveitou e fez campanha até no trem

José Roberto Serra — 10/11/89



PT fez da Candelária palco do último e maior comício no Rio

Roberto Faustino — 3/9/89



Em Santos (SP), o candidato quis mostrar que é bom de bola

“Intelectual comunista pode, o que não pode é operário no poder”

pânico para tentar impedir que se mexa no que é impossível ficar como está.

“Eles não têm medo do Lula, eles têm medo é de vocês”, repete em todo discurso o torneiro mecânico que quer ir para o Planalto. “Eles admitem até um intelectual rebelde, comunista, mas não admitem um operário no poder”, diz em outros momentos. “Nós construímos esse país, por que não podemos governá-lo?”, desafia sempre.

Seriam apenas bordões retóricos de campanha, se essas mensagens simples não escondessem uma idéia mais complexa. Quando fala em “burguesia”, “elites governantes”, “exploração do capital”, “reforma agrária”, desenterrando expressões que o vocabulário de esquerda desgastara a tal ponto que o nosso pós-modernismo resolveu enterá-las, Lula está tocando na ferida principal do país: sua eterna questão social, que historicamente as elites vêm considerando um caso de polícia. Esse discurso de Lula, aparentemente antiquado, tem um sucesso proporcional ao tamanho da crise social de um país onde o que é anacrônico lá fora teima em continuar moderno aqui.

Lula está de fato dando um susto na burguesia, que aliás, nesse terreno, costuma se assustar mais com as palavras do que com os fatos e prefere arriscar todos os dedos a entregar qualquer anel. Como considera a solução do problema social inadiável, urgente, dramática, ele promete resolvê-la na “marra”, como se dizia lá pelo começo dos anos 60. Bem feito para os que deixaram esse país entrar nas mais abjetas competições — como a da disputa com o Sri Lanka para saber quem é capaz de matar mais crianças.

Por mais radical que possa parecer o discurso de Lula, porém, ninguém espere, ao votar no PT, adquirir uma passagem para o socialismo. Mais do que uma mudança ideológica, Lula está propondo uma ruptura com o arcaísmo de um sistema que não é o que quer para o país, mas sabe que não dá para arranjar outro melhor agora. Mesmo sonhando com o socialismo, ele não duvida que é possível um capitalismo melhor do que esse que está aí.

Por isso é que, expurgando a retórica de campanha, o seu discurso coincide com o de muitos de seus inimigos de classe, pelo menos os que têm a clareza de ver, através da proposta de ruptura de Lula, o que na verdade

ela pretende evitar: a convulsão social, a explosão anárquica, sem canal e sem objeto, o caos.

Comparem o texto abaixo:

— Eles dizem que o socialismo fracassou na China, na Hungria, na Alemanha, na Polônia, na União Soviética, mas ninguém fala que o capitalismo no Brasil, onde tem não 70 anos mas 489, é um fracasso.

Com este:

— Os empresários vivem alardeando que o comunismo é um sistema falido. O que eles não percebem é que o capitalismo brasileiro também é um monstro falido.

O primeiro é de Lula, em vários comícios, e o segundo é de Roberto Jéha (revista *Veja*, 25-10-89), colega de diretoria de Mário Amato na Fiesp, onde é vice-presidente do departamento de Economia.

É de Jéha, por exemplo, uma denúncia como esta: “Acho que quem deve aceitar um sacrifício maior são os empresários, principalmente os poderosos, os mais capitalizados”. Quem acompanhou os últimos discursos do candidato do PT ouviu essas frases quase que literalmente nos palanques, o que levou o próprio Lula a brincar um dia, quando foi flogrado num desses “plágios”: “Vai ver que o Jéha está vindo para o PT ou eu para a Fiesp”.

Esse contágio entre os opostos, tão próprio dos tempos modernos, é, segun-

do alguns, antigo no PT. Luís Gushiken garante que o partido que preside sempre teve uma reflexão teórica avançada:

“Muito antes da perestroika, a gente sabia e dizia que o mercado não pode ser um fetiche, como querem os neoliberais, mas também não pode ser uma maldição”.

Leitor de Trotski, o antigo militante da Libelu gosta de lembrar que o profeta da revolução permanente, já nos anos 30, considerava um crime a burrice de Stalin querendo cancelar a moeda e abolir o mercado. O Trotski citado de memória por Gushiken, no corre-corre de um comício para outro, teria chegado a dizer: “O mercado tem uma função corretiva”.

Como o PT não tem um modelo e os modelos faliram, Gushiken acredita que isso permite encontrar, como Lula vive reptando, um “socialismo brasileiro”. Assim, o fracasso do socialismo real facilitaria as coisas para o PT.

“O fim dos modelos tem a vantagem de não permitir o sectarismo e abrir caminho para a intuição, para a invenção, para a criatividade”.

Pode ser. É claro que esse raciocínio não inclui o fato que a Frente Brasil Popular é composta de um partido como o PC do B e que o próprio PT é uma generosa hospedaria onde, ao se abrir uma porta ao acaso, pode-se encontrar, por exemplo, a Con-

Lula acha que na boca-de-urna o PT é invencível

vergência Socialista, uma velha senhora que teima em achar que ainda estamos nos anos 70.

O deputado Delfim Neto diz com graça e perfídia que o “PT não sabe, mas é o último partido comunista do mundo”. O problema é que o PT não sabe, mas às vezes parece na verdade querer ser o primeiro. O purismo que ataca boa parte de seus militantes atrai para o partido muita adesão ética, mas gera também alguns espécimes que parecem o resultado do cruzamento de um puro sangue udenista com um missionário jesuíta.

Aliás, os militantes petistas, junto com os pedetistas, formam uma fauna muito divertida nessa campanha. Os primeiros não têm a intolerância fanática dos segundos, mas têm muito de fé missionária. Os brizolistas não admitem que o mundo não pense como eles; os petistas não acreditam que o mundo ainda não pense como eles. Os dois partidos têm políticas diferentes de conversão e catequese do gentio. Diante dos ímpios, os brizolistas parecem dizer: “Você, só na porrada”. Os petistas parecem lamentar: “Você não sabe o que está perdendo”.

Se essa eleição for se decidir na boca da urna, como se espera, vai ser um espetáculo empolgante assistir ao embate das duas militâncias. Como, ao contrário da frágil estrutura partidária do PDT, os petistas estão em todos lugares, Lula torce para um desfecho de última hora: “Em boca de urna somos imbatíveis”.

Costuma-se dizer no PT, parodiando o futebol: “Campanha é campanha, governo é governo”. Lançando sua campanha de fato no dia 1º de dezembro do ano passado, Lula trabalhou como poucos e contribuiu, com poucos recursos, muita garra e uma admirável liderança democrática, para que o Brasil vivesse o mais belo espetáculo cívico de sua história recente. O PT poderá errar muito no poder, como aliás tem errado nas suas recentes experiências administrativas. Mas sua vontade de corrigir os erros é exemplar. A experiência de 20 dias dentro da campanha — fuçando bastidores, interrogando, observando — leva este repórter, que não é petista nem eleitor de Lula, a concluir que o PT tem uma irrecusável vocação para ser ético e um lindo sonho para este país. Que Deus o proteja, assim na terra como no céu, ou melhor, no poder, se for o caso.

Os sócios no poder

■ Jair Meneghelli, presidente da CUT.

■ João Amazonas, presidente nacional do PC do B, um dos partidos aliados ao PT na Frente Brasil Popular. Pode ser, se quiser, o primeiro comunista a ocupar um ministério no Brasil.

■ Jamil Haddad, presidente nacional do PSB, outro partido que integra a Frente Brasil Popular.

■ Miguel Arraes, governador de Pernambuco, do PMDB. Formalmente apóia Ulysses, mas liberou vários de seus secretários para trabalhar por Lula. Deve ser o principal articulador da ampliação da base de sustentação do candidato do PT na batalha do segundo turno.

■ Os grupos extremistas alojados no PT, como a Convergência Socialista, a Causa Operária e a Democracia Socialista, que fazem oposição a Lula dentro do partido, mas pegarão carona na vitória.

■ Maurílio Ferreira Lima, deputado federal do PMDB de Pernambuco, que, desde as eleições do ano passado, vem pregando o apoio de todos os políticos de esquerda a Lula.

■ Maria Luiza Fontenelle, primeira prefeita eleita pelo PT no país, em 1985, em Fortaleza.

Depois deixou o PT. A lembrança de sua desastrosa administração é um dos fatores que impediram o crescimento de Lula no Ceará. Maria Luiza hoje está no PSB, da Frente Brasil Popular.

■ Luiza Erundina, prefeita de São Paulo. Se Lula vencer, aumentam as chances de o PT ganhar o governo de São Paulo no ano que vem. Erundina é o principal nome do partido no estado.

■ Plínio de Arruda Sampaio, líder do PT na Câmara, ligado à Igreja progressista. Também pode ser candidato ao governo de São Paulo.

■ José Dirceu, deputado estadual e secretário-geral do PT. É homem de inteira confiança de Lula.

■ Frei Beto, amigo de Fidel Castro e frei dominicano, uma das principais pontes de Lula com a Igreja progressista. Outra pessoa de inteira confiança do candidato do PT.

■ Virgílio Guimarães, deputado federal pelo PT de Minas. Derrotado por pequena margem na disputa da Prefeitura de Belo Horizonte no ano passado, fortalece sua liderança com a vitória de Lula.

■ Jorge Bittar, candidato derrotado do PT na eleição para governador do Rio em 1988. Nome certo no ministério.